

GRIFO

O JORNAL QUE RI

Nº 56
JUNHO
2025

Luiz Faria

OS DONOS DO PODER

PÁG. 08

José Weis

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA NO EXÍLIO

PÁG. 17

Miguel Paiva

CLT VIROU OFENSA

PÁG. 22



PRONTO
pra outra

Pinday
2025.

Brincadeiras sem graça nenhuma

Em Santa Catarina, montaram uma fogueira de 35 metros de altura. Em Minas Gerais, uma de 31 metros. Parece que elas ficam três dias queimando. Descobri, ou fiquei com a sensação, que existe alguma competição de fogueiras pelo país nessa época do ano. Em 2024, construíram uma de 69 metros no Mato Grosso. Justamente o ano em que se incinerou 30 milhões de hectares das matas brasileiras, a maioria a partir de agosto. Mas isso nada a ver com as festas São João ou São Pedro.

No frio no Sul e Sudeste e no calor no resto do país, as pessoas se divertem muito nessas festas juninas e julinas. Nossas elites econômicas, burguesia, “farialimers” e asseclas se divertem à sua maneira. Ao fim de cada dia, alegres, felizes e realizados, afastam as mesas de trabalho e improvisam um salão para dançar a quadrilha. “Vamos baixar os juros!”, “É mentira!”. “Vamos isentar os especuladores!” “É verdade!”. “Eeeeh”. Colocar “jabutis” em leis que na prática aumentam a conta de luz é a variação quadrilheira de colocar o rabo no burro. Pior, eles acertam.

Mas não dá pra ficar se achando exclusivos em originalidade. Trump e Netanyahu jogam cabo de guerra no mesmo lado da corda. É bem desproporcional com o outro lado da corda, mas o que interessa é ser grande de novo. Tump também gosta de brincar de ciranda: “Tarifa, tarifinha, vou a todos tarifar / depois dou a meia volta e volto então a tarifar”. Ele só não gostou de brincar de foguete molhado, como queria o Musk.

Eles se divertem. Só eles. Os gaúchos estão assustados com a volta das chuvas e novos alagamentos, os governantes anunciam sumits, data centers, mas na hora de agir, além de não realizar obras de contenção de enchentes (recuperar casas de bombas, por exemplo), colocaram sacos de areia (ineficientes em 2024) com o objetivo de barrar o avanço das águas.

Descobri, ou fiquei com a sensação, que esse pessoal nos botou a brincar de corrida de saco no barro e fica do lado de fora, mudando os objetivos enquanto a gente tenta avançar e sair para a parte seca do terreno. (**Marco Schuster**)



O grifo
de Máucio

GRIFO

Jornal de humor e política, desde outubro de 2020. Eletrônico, mensal e gratuito. Publicação de cartunistas da Grafar (Grafistas Associados do RS)

Editores: Celso Augusto Schröder e Marco Antonio Schuster

Editores adjuntos: Celso Vicenzi e Gilmar Eitelwein

Diagramação: Laura Santos Rocha

Mídias sociais: Lu Vieira

PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO

Cuba: Brady Izquierdo, Michel Moro

Rio de Janeiro: Máximo e Miguel Paiva

Rio Grande do Sul: Alisson, Bier, Carlos Roberto Winckler, Cid Dávila, Dênis Pimenta, Edgar Vasques, Elias Monteiro, Ernani Ssó, Eugênio Neves, Fabiane Langona, Gilmar Eitelwein, Hals, Jeferson Miola, Juska, Lu Vieira, Luiz Faria, Marco Schuster, Máucio, Paulo de Tarso Riccordi, Santiago, Schröder e Uberl

Rússia: Konstantin Chakhirov

Santa Catarina: Celso Vicenzi

São Paulo: Bira Dantas, Carlos Castelo e Mouzar Benedito

Turquia: Erdogan Başol

Arte da capa: Brady Izquierdo

Leia aqui todas as edições do GRIFO

https://issuu.com/luvieira.ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile



Receba o Grifo grátis e em primeira mão

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 1

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 2

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 3

A bestialidade imperial

Carlos Roberto Winckler

O ataque dos EUA a três instalações nucleares do Irã, a pretexto de produção de armas atômicas, transgride a Carta da ONU e normas da Agência Internacional de Energia Atômica, em meio a negociações sobre o uso de urânio processado. Atos preliminares de bombardeio ao Irã foram realizados por Israel, apoiados pelos EUA e pelos europeus por ocasião de recente reunião do G7. O despudor do chanceler alemão Friedrich Merz teve o mérito de liquidar qualquer justificativa em nome da pretensa superioridade da “civilização ocidental”: “Israel está fazendo o trabalho sujo por nós ao bombardear o Irã”.

Os locais atacados pelos EUA, segundo o governo iraniano, tinham sido evacuados. A desconfiança quanto à eficácia da ação terrorista de Estado estendeu-se à imprensa internacional. A capacidade de retaliação incessante do Irã aos ataques de Israel foi subestimada, fragilizando o mito da invencibilidade do sistema de defesa aérea israelense.

Antes do ataque estadunidense, Israel, ciente de seus limites, havia manifestado interesse em negociar com o Irã, mantendo as hostilidades. A entrada dos EUA teve o propósito criar um ambiente que forçasse o recuo iraniano. O desgaste face à opinião pública, condenando a carnificina que segue em Gaza, a percepção de que Israel não teria capacidade de sustentar por longo tempo os embates, a oposição no campo trumpista ao envolvimento em uma guerra, o risco



de aumentar exponencialmente a dívida pública estadunidense, o tom mais incisivo de apoio da Rússia ao Irã, acabaram forçando Trump a proclamar de forma unilateral uma trégua sem maiores formalidades, um recuo tático. Trégua aceita com as devidas conveniências para as partes envolvidas.

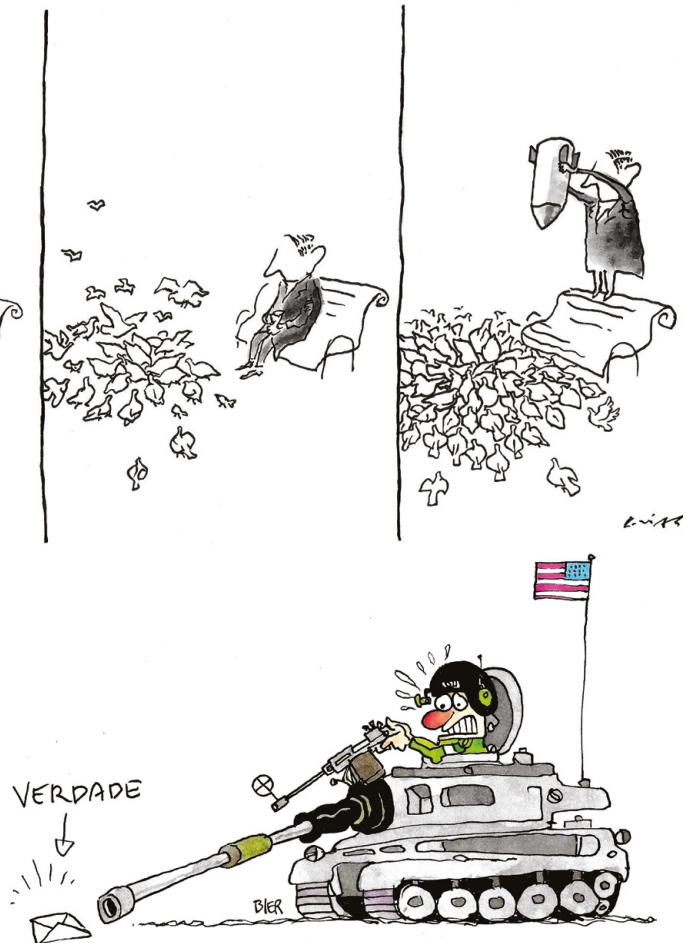
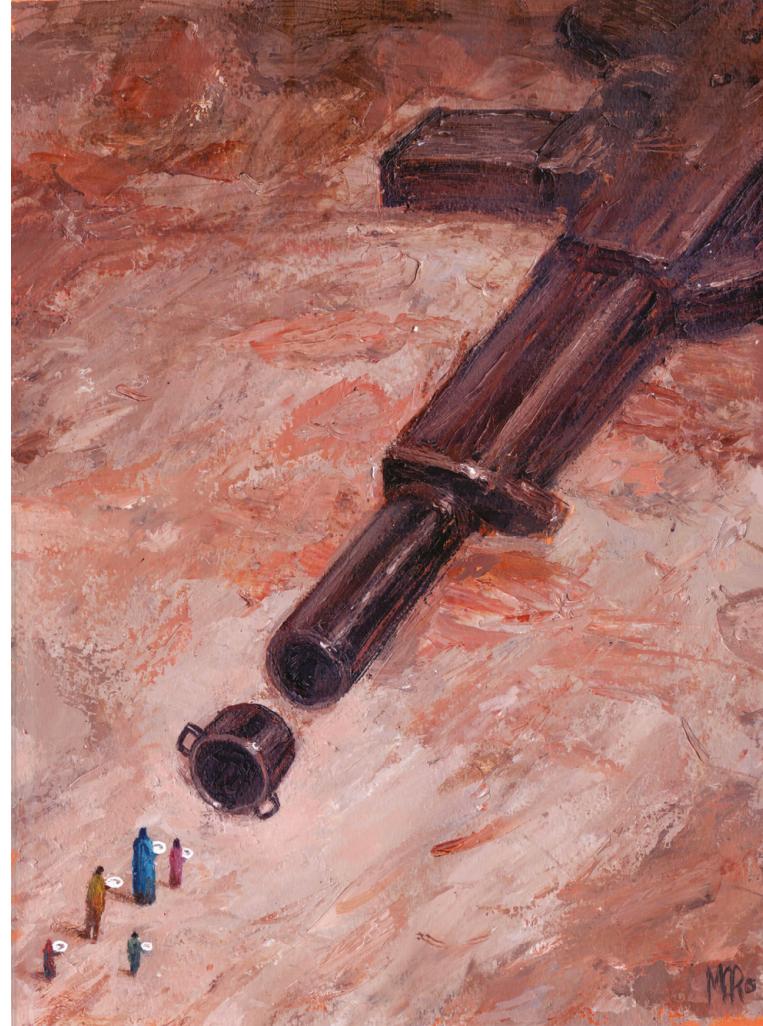
O Império tem como objetivo enfraquecer o governo iraniano, ou na melhor das hipóteses, forçar sua substituição por dirigentes dóceis aos seus desígnios. O conflito tende a ser regionalizado, a reação anticolonial crescerá. O inimigo real enfrentado é o Brics, por enquanto uma associação econômica. Rússia e China, o núcleo duro do Brics, os únicos com relações estratégicas no plano militar, darão continuidade ao apoio indireto ao Irã. O ato de revide decisivo até o momento foi a permissão do Parlamento iraniano ao bloqueio do Estreito de Ormuz, por onde passa cerca de 25% do petróleo e gás liquefeito comercializado no mundo. A permissão deverá

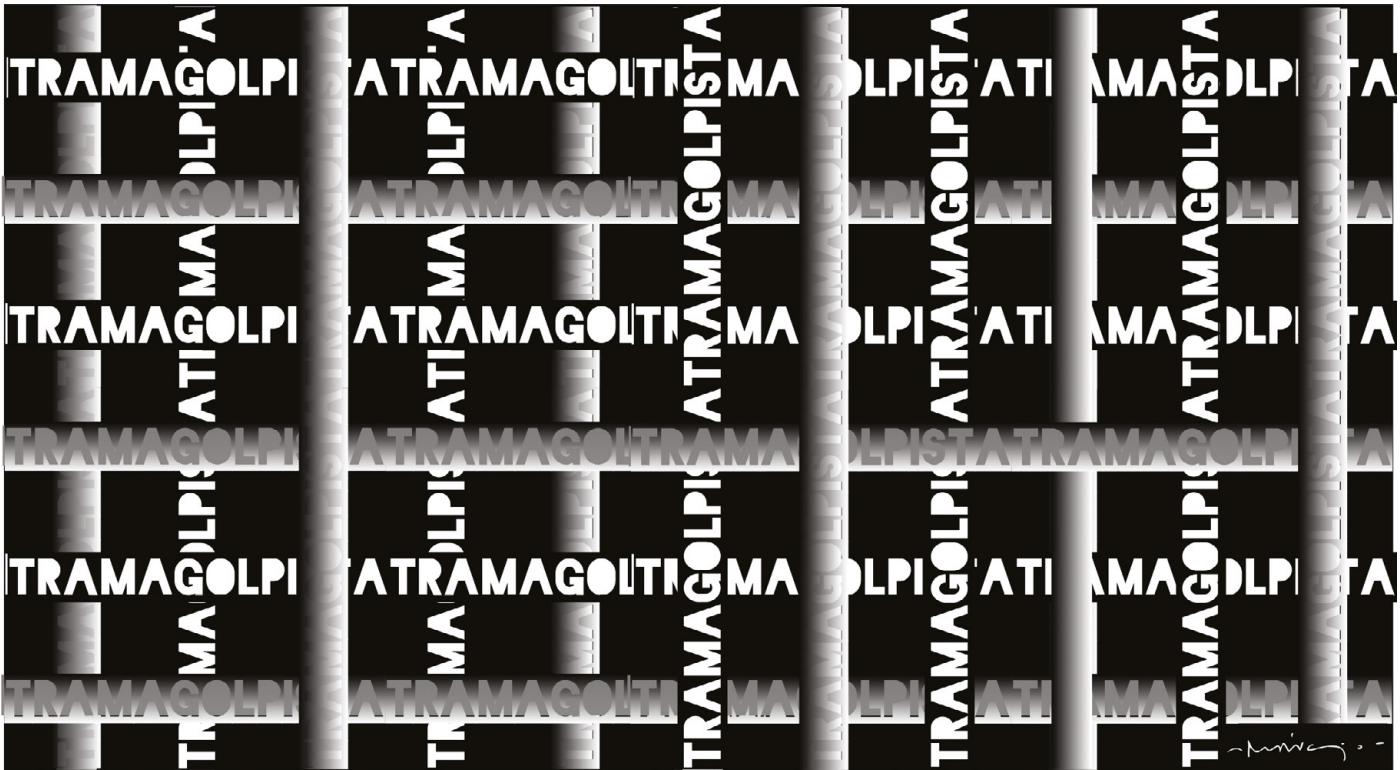
ser submetida ao Conselho Supremo de Segurança Nacional e ao aiatolá Ali Khamenei. Foi o suficiente para o Secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, pedir a intervenção da China, grande compradora do petróleo iraniano. Em caso de impasse as repercussões serão devastadoras à economia mundial. Paralelamente os países europeus aprovam o aumento de gastos militares na sustentação da OTAN, acordos de não proliferação de armas atômicas tendem a perder sentido. Em qualquer cenário a América Latina será envolvida, em particular dois países: a Venezuela e o Brasil com suas imensas reservas petrolíferas. O mais frágil, política e militarmente, é o Brasil, onde as elites repudiam qualquer ato de soberania.

As pressões estadunidenses em expandir bases militares no continente aumentaram.

Caso a presença dos EUA e aliados seja fragilizada no Oriente Médio, a América Latina será a última trincheira imperial. De qualquer forma, o destino de todos que se opuserem à fúria de um Império decadente parece estar prefigurado nos atos bestiais do Estado israelense que se sente encorajado em eliminar definitivamente os palestinos, que correm o risco de mergulharem no Grande Esquecimento. Famintos, mutilados, despedaçados. Com olhares suplicantes, sofridas testemunhas da passagem ao pós-humano, que nos dizem ser inadmissível a barbárie em curso.







Pequenos golpes diários

Junho difícil. Banco Central transformando a Selic na segunda maior taxa real de juros do mundo (15% nominal), Congresso derrubando projetos que cobram impostos dos que ganham muito e colocando jabutis em leis que na prática encarecem a geração de energia elétrica. São constantes golpes de direita nas médias e baixas rendas brasileiras, na democracia, na Constituição, na cultura, no desenvolvimento, na construção do país. Assim como diariamente falsários passam golpes por telefone e redes sociais.

Agora, que foi engraçado ver Bolsonaro piando baixinho no depoimento do golpe de estado e convidando, sendo inelegível, Xandão pra ser seu vice, foi. (GRIFIA - A inteligência artificial do GRIFO)





Os donos do Brasil



Luiz Augusto Faria

Desde os tempos coloniais, cobrar imposto foi uma forma de tirar dinheiro dos pobres para financiar o gasto governamental em favor dos mais ricos. Uma parte importante da despesa pública sempre foi juros de sua dívida. Vieram a República, a democracia e a pouca novidade no campo tributário foi o Imposto de Renda. Mesmo assim, apenas a classe média e os remediados pagam esse imposto. Enquanto isso, a dívida cresceu e seus juros mais ainda, passando a ser o maior gasto do governo ao final do século passado. Desde então,

receber juros do Estado e de outros endividados se tornou a fonte principal de ganhos da classe dominante. Chamamos isso de financeirização da riqueza.

Marx viu na sociedade capitalista uma única finalidade: a produção infinita de riqueza transformada em capital. Para assumir essa forma e serpropriada pela classe burguesa, a riqueza precisa passar por três estados diferentes nas formas mercadoria, produtiva e dinheiro. A história mesma do desenvolvimento do capitalismo foi uma repetição dessas três fases,

o mercantilismo, a revolução industrial e a financeirização. Em cada fase, uma facção da classe capitalista predominou, comerciantes, industriais e banqueiros.

Aqui no Brasil, que passou a fazer parte da economia capitalista na época colonial, o rei e os comerciantes portugueses desenvolveram a produção de mercadorias pelo trabalho de escravizados e com isso ampliavam seu capital. Foram os engenhos de açúcar ou o café em terras concedidas pela Coroa para os predecessores do que hoje se chama agro. No século XX o desenvolvimento empoderou uma nova fração da burguesia: os empresários da in-

dústria. Seu reinado, entretanto, foi breve.

Desde os últimos anos da ditadura, quem na burguesia industrial não se transformou em financista e banqueiro foi engolido pela nova forma dominante da riqueza, o dinheiro e seu mecanismo de valorização, os juros do capital. Hoje todas as grandes empresas são controladas por fundos de investimento, bancos e outras formas de organização do capital financeiro. Boa parte das pequenas e médias empresas funcionam como franquias ou licenciadas de grandes mar-

cas, assim como trabalhadores por conta própria em aplicativos também são obrigados a dividir seus ganhos com o capital que vive de rendas. Além disso, o crédito popularizado em cartões e mesmo as plataformas de apostas tipo bet engolem uma parcela do salário dos trabalhadores.

Ao contrário do que pensam meus colegas economistas, essa situação não resultou da concorrência e do equilíbrio do mercado, mas do uso de poder econômico e político dos donos desses capitais monopolistas. Leis foram modificadas, políticas públicas alteradas e serviços privatizados para que o poder e o dinheiro desses magnatas crescessem. Acostumados a comandar o governo, o que se intensificou com o bolsonarismo, seus interesses vêm prevalecendo no Brasil. Eles controlam a maioria

dos políticos e os meios de comunicação e fazem parecer que suas pressões sobre as escolhas políticas são a defesa da forma “correta” de condução das políticas monetária e fiscal. E para isso contam com apoio dos muitos de meus colegas economistas.

Hábeis em comprar o voto dos políticos, os privilegiados contam com a extrema direita, o Centrão, a bancada ruralista e assemelhados para impor sua pauta. Buscam não apenas preservar seus interesses, mas ampliá-los, recortando e mudando o orçamento público administrado pelo governo. A proposta de Lula, cobrar dos ricos Imposto de Renda e IOF e gastar com os mais pobres no salário-mínimo, na Previdência ou na saúde, é taxada de “populismo”, um palavrão que desqualifica tudo que não sirva ao interesse do pessoal da Faria

Lima, endereço dos maiores fundos financeiros e bancos.

Suas propostas são de menos impostos (os seus) e menos despesas sociais, que chamam de austeridade, mas nunca se fala que a maior despesa são os juros que auferem. Esses precisam ser altos para que a inflação atinja sua irrealista meta de 3%, o que só aconteceu três vezes nos últimos 35 anos. Os gastos autorizados no orçamento, de R\$ 1 trilhão com a Previdência, R\$ 288 bilhões com o Bolsa Família e programas sociais e R\$ 247 bilhões com saúde, deveriam ser reduzidos. Sobre os R\$ 2,5 trilhões de juros, silêncio. Os 141 mil nababos que ganham essa fortuna e não pagam imposto acham que o que deve ser sacrificado são os 36 milhões de aposentados e os 109 milhões de trabalhadores que têm como piso o salário-mínimo.





Estávamos em outubro, mês em que se comemora a Revolução Russa e a Reforma Protestante. E, também, época em que os apreciadores de cerveja – conhecida na antiguidade como “pão líquido” – ganha a sua maior celebração: a Oktoberfest. Há registros de que sumérios e egípcios, milênios antes de Cristo, já molhavam o verbo e relaxavam as pregas com o seu consumo. Mas, então, por que diabos a culpa do seu fabrico tem sido atribuída aos alemães? A referência mais próxima é do ano de 1079, quando Hildegarda, abadessa de Rupertsberg, na Baviera, adiciona o lúpulo à cerveja pra aromatizá-la com aquele amargor inconfundível. E ali ficou determinado por lei que a cerveja original só poderia ser composta por água, malte, cevada e lúpulo. Além do mais, era uma questão de sobrevivência, já que, na Idade média, beber água era quase suicídio. Cervejeiros que adulterassem a fórmula eram afogados na própria cerveja por ordem dos castelões (administradores) feudais. A beberagem era consumida em temperatura ambiente, no que uma das geladeiras do Bar do Nereu era fiel à tradição. Não sei contar quantas vezes tivemos vontade de afogar o Agenor, o balconista, naquele desafogo.



CÉU DE INVERNO

Nuvens brancas voam baixas
E observam a cidade em transe

Enormes dirigíveis sem piloto
Desembarcam mamutes de algodão
Para coçar a barriga nos terraços

Um teco-teco assustado
Desliga o motor barulhento
Temendo estourar a manada

PALAVRAS DA SALVAÇÃO



A indústria farmacêutica tá pra provar
que a cura já é um efeito colateral.

É como saudava aquele libanês em
Salvador: - Saravamaleicum!

Tem casal brigando pela guarda de
bebê reborn. Vem aí divórcio com
boneca inflável.

Filho do Melonaro foi indiciado por
corrupção. Não se sabe se é um
fenômeno cultural ou hereditário.

É grande o número de bozolentos
zurrando com o desempenho do
estadista Lula da Silva.

Cirurgias psiquiátricas ainda
não curam bolsonarismo.

Passear pelo centro de Porto Alegre
virou turismo de aventura.

Trump é um profissional: não
esculhamba apenas os outros países,
mas também a própria casa.

Melhor do que ver os golpistas no
banco dos réus é o senso de humor
do Xandão. O riso vai coroar o castigo.

Antigamente, quando me desejavam
paz profunda, eu só imaginava sete
palmos de terra.

Segue o arboricídio. Melonaro é que
nem china véia: não pode ver pau em pé.

Como se faz pra entender um tradutor
em libras que é gago?

Drummond que me perdoe, mas não
há mais pedra no meio do caminho.
Tão fumando todas.

Quando um professor de matemática
tá cagando e batem na porta do
banheiro: - Tangente!

O chato é um animal que, quando
não tá no saco, tá pendurado na
paciência da gente.

Agora que apanhou, Israel, o
prevalecido da escola, vai chamar o
irmão mais velho pra se vingar.

Pixs

Os jornalistas da GloboNews, imagino que das outras news também, passam o dia afirmando sua ignorância e exaltando sua incompreensão sobre a política Internacional. Abandonaram a tarefa de responder e assumiram a pergunta como objetivo de vida. A única certeza é Gaza.

Um ano depois da enchente Leite-Mello destruir o estado e Porto Alegre, o governador passeador inaugura “escritório” de negociatas em São Paulo. Enquanto as cidades gaúchas voltam a ficar embaixo d’água, o governador lampeiro abre uma “agência de desenvolvimento” na Farias Lima, o metro quadrado mais caro do Brasil. Só o rega-bofe da abertura já daria para comprar algumas câmaras usadas para resgatar o pessoal de dentro d’água. A imprensa ficou molhadinha, água na boca bem entendido, com a demonstração de sabujice turística do belo.

Se Trump não mentiu sobre a trégua, a ONU acabou junto com o direito internacional e fará companhia à ética humana já sepultada desde o início do massacre em Gaza.

Parece que o passatempo predileto de Trump é enlouquecer jornalistas crédulos e dóceis como os da GloboNews. Pontual, por exemplo, chegou a afirmar, a partir de sua autoridade emprestada pela Globo, que “o presidente dos Estados Unidos não diria algo assim, se não fosse verdade”, se referindo ao suposto cessar-fogo anunciado pelo Trump. Agora, depois da negativa do tal cessar-fogo, balbucia que “a situação é confusa e bla, bla”. Fazer jornalismo atrelado não é fácil mesmo.

O termo “regime dos aiatolás” escamoteia, simplifica e esconde a profunda revolução iraniana, vencida pelos xiitas, que terminou com a ditadura sanguinária do títere do Reza Pahlavi, milico que se autointitulou príncipe e encantou as revistas ocidentais por um tempo. Ao chamar de “regime dos aiatolás”, a mídia repete a fórmula que usou com “guerra com o Hamas” para justificar a sanha sanguinária e imperialista do grande e do pequeno satã.

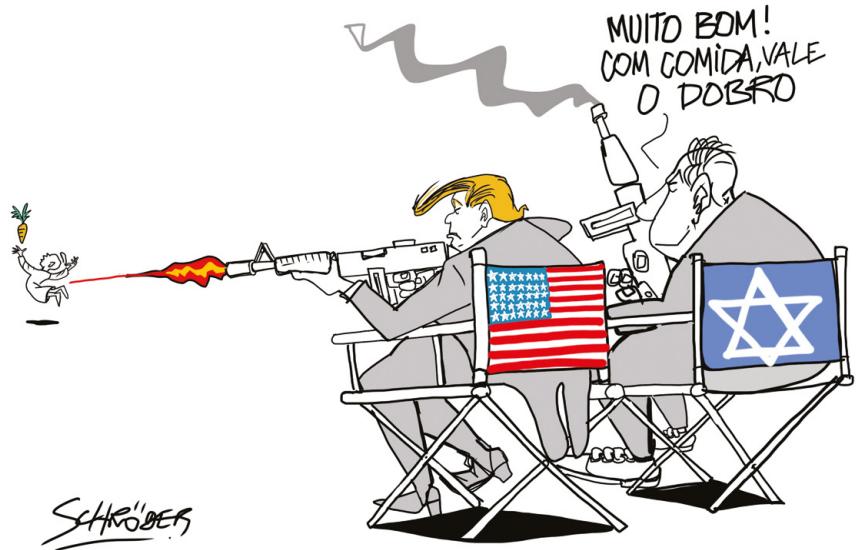
Regular é preciso

É apenas uma satisfação intelectual, mas finalmente o Marco Civil da Internet foi desmascarado como uma legislação insuficiente, impertinente e, infelizmente, não inocente. A escolha das empresas de telefonia como os adversários a serem enfrentadas e reguladas e não as já potentes plataformas digitais, se foi um erro por ingenuidade ou desconhecimento para alguns, não foi escolha inocente para muitas organizações que se propunham democratizadoras da comunicação.

A direção da FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas, organização que tive a honra de presidir naquele momento, se recusou a participar de uma regulação que abdicava de regular por princípio. ONGs, partidos de esquerda, governo popular e milhares de militantes progressistas não resistiram aos discursos que inauguraram uma lei que nunca legislou. A satisfação intelectual é tardia e não retroativa. Pagamos um preço enorme pela escolha que sempre atendeu somente aos interesses das grandes plataformas digitais que só se agigantaram com o passar do tempo: um golpe contra a Dilma, o desmonte da política trabalhista e previdenciária nacional, a prisão de Lula e, principalmente, eleição de um miliciano sociopata que ajudou a matar 700 mil brasileiros.

Espero que o pessoal que apoiou o tal Marco Civil entenda o que aconteceu no combo de 2013.

quer que escreva?



BLAU Bier



BIOMA PAMPA Celso Schröder



Lu Vieira



PURGATÓRIO PUB Cid Dávila



NESTE CORPO (gente reencarnada em bichos) Elias



Fabiane Langona



RANGO Edgar Vasques



Haja sacos

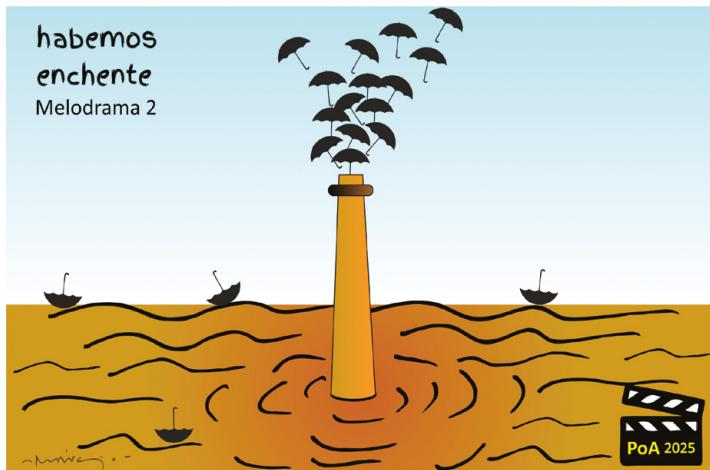
Agora a coisa vai: o prefeito Melo mandou colocar sacos de areia nas comportas do muro da Mauá. Quero ver a água enfrentar os sacos desta vez. No ano passado a água chegou no muro antes, mas esse ano os sacos chegaram antes. Muitos sacos.

Igual na Câmara de Vereadores. O relatório da CPI da Pousada Garoa inocentou a Prefeitura, contrariando a conclusão das investigações da Polícia Civil e Ministério Público. O presidente da CPI, Pedro Ruas, discordou e apresentou relatório paralelo.

Melhor ainda está acontecendo em Eldorado do Sul, cidade inundada em 90% do território na enchente de 2024. Com apoio do governador Leite, vão construir um data center num terreno de 700 hectares, quase 600 campos de futebol, que não alagou na enchente.

Existem sacos metafóricos.





Contos do bebê reborn

A Riviera Palestina

Quando o último palestino foi morto, houve uma grande festa. Mas logo o silêncio em Gaza incomodou até mesmo os ouvidos de Netanyahu. O barulho das máquinas e os gritos dos construtores do resort de luxo pareciam tornar o silêncio mais perturbador.

Então Netanyahu teve a ideia de fazer uma creche do tamanho de um estádio, onde botaram vinte mil bebês reborns cuidados por uma legião de abnegadas mamães sionistas. Ficou lindo. Mas, na primeira visita, Netanyahu descobriu que os bebês não eram circuncidados. Eram tudo goy.

A creche foi bombardeada num entardecer e logo no começo da noite o silêncio se estendeu pra fora das fronteiras de Gaza.

O Bebê, o Padre e o Diabo

A fé não era suficiente para o padre Amaro – nem os anti-depressivos, nem sua carreira como influencer. Não sabia mais o que fazer da vida. Mas então adotou um bebê reborn. Com algumas postagens virais, o padre sentiu o gostinho da felicidade, volta de Deus ao seu trono. Pena que acordou no meio de uma noite, depois de um sonho que não lembra, com a certeza de que seu filho era o bebê de Rosemary. Desatinado, passou água benta no pingolim, disposto a estuprar o bebê. Mas o padre broxou – o bebê, apesar do realismo alucinante, não tinha cu. O padre precisou de um pedaço de ferro em brasa pra completar o exorcismo. Mas em vez de gritos e pragas, houve apenas um chiado de silicone queimado, e

o padre desmaiou. Ao acordar, doze horas depois, descobriu que só falava em línguas e, como o mais reles pastor evangélico, lembrava do português apenas pra pedir o pix do dízimo.

O Zero 5

O bozo, em prisão domiciliar, sem poder praticar tiro ao alvo, resolveu adotar um bebê reborn pra driblar o tédio. Se sentiu exaltado com a chegada do Zero 5. Pra comemorar, comeu alguns camarões e teve as tripas obstruídas de novo, com arrotos e azias com cheiro e sabor de merda. O bozo já estava acostumado, claro, mas o diabo é que o bebê também começou a arrotar e a ter azia, coisa suportável apenas pra quem foi treinado nas Agulhas Negras. O médico foi chamado às pressas e recomendou nova cirurgia pro bozo. Quanto ao bebê, o problema estava acima das forças da ciência. Melhor chamar uma benzedeira. Porque era praga do Xandão.

A Noiva Reborn

O boneco Chucky se casou com uma bebê reborn – Chuckynha pros íntimos. Ao sair de



viagem, deu pra ela as chaves do castelo. Ela poderia entrar em todas as mil peças, menos numa, um velho quarto no porão.

A Chuckynha não aguentou a curiosidade e foi até o quarto proibido. Não passou da porta, barrada pelo fedor de sangue podre. Com dificuldade, entreviu na penumbra dezenas de bebês reborns esquartejadas, umas penduradas em ganchos de açougue, outras atiradas pelo assoalho. Chaveou a porta às pressas e correu, se dizendo fuga, fuga, a cada passo. Mas não fugiu. No famoso chaveiro dado pelo marido faltava a chave da porta da frente.

Na volta, Chucky pediu o chaveiro e olhou a menor das chaves. Ela tinha uma mancha de sangue.

– Você foi lá, querida – o boneco Chucky disse com um suspiro rotineiro. – Você me desobedeceu. Como não tem irmãos, ninguém virá te salvar. Me diz: o que posso fazer com você?

– Nada – a Chuckynha disse, avançando.

O boneco Chucky ainda estava vivo quando a Chuckynha aparou sua longa barba azul com uma longa faca de açougueiro.

Memórias de crianças exiladas pela ditadura

Um livro que contém histórias de algumas infâncias vividas no exílio, Exílio e Crianças – Memórias de Infância Marcadas Pela Ditadura Militar, foi organizado pelas professoras Helena Dória Lucas de Oliveira e Nadeja Marques. Além de seus próprios depoimentos, elas reúnem 46 textos, escritos para contar o que aconteceu quando eram pequenos ou nasceram no exílio, à época da Ditadura Militar no Brasil.

Crianças e exílio não combinam em regimes de liberdades democráticas. Sob uma ditadura, é uma forma quase destrutiva e com consequências que atingem diretamente a infância. Ações de governos autoritários e sob regimes de exceção, quando atingem crianças podem se constituir como crime lesa humanidade.

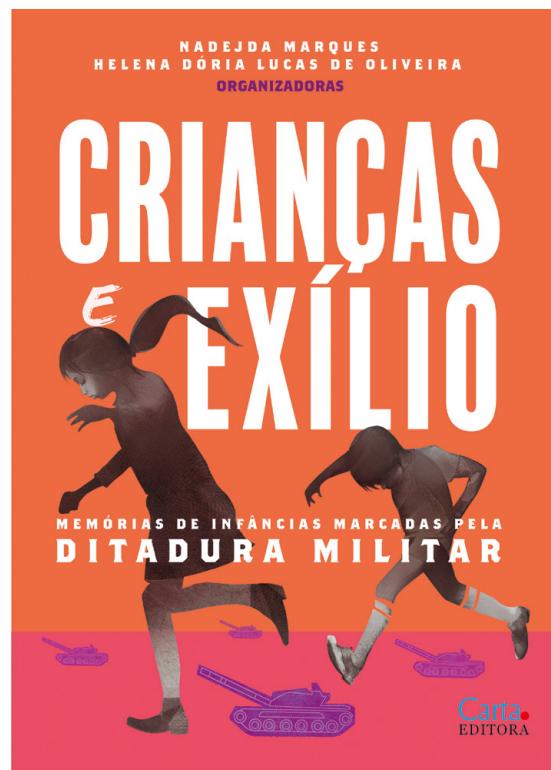
– Chama-se exílio quando a gente vai embora pequeninha, ou mesmo nasce lá fora? Exílio é saudade, é estar fora de sua pátria, longe de suas raízes e seus familiares. Eu nunca tive saudade do Brasil. Saí com três anos, minha única lembrança é dos coelhinhos que tínhamos em casa; saudades, só dos avós”. É assim que Silvia Sette Whitaker Ferreira abra o texto de seu depoimento. Silvia viveu no exílio dos três aos 18 anos; passou pela França e Chile; fez carreira diplomática, foi assessora da Secretaria Nacional de Mulheres e da Comissão Nacional da verdade. O texto e as atividades de Silvia poderiam perfeitamente costurar as narrativas e situações dos demais 45 relatos.

Todas essas pessoas passaram por situações semelhantes nas suas trajetórias, que a ditadura brasileira impôs aos seus pais, companheiros de movimento e familiares. Multiplique 46 para cada um ou uma dessas pessoas pequeninas e a este número acrescente avós, tios, tias, todos os primos... E temos uma pequena multidão de brasileiros atingidos de forma direta ou indireta pela repressão implacável da ditadura, que desavergonhados como o governador Romeu Zema (MG) e o prefeito Sebastião Melo (RS) falam em “questão de interpretação” ou no direito de defender ditaduras. Se existe empatia e solidariedade que desperta a cada capítulo ou trecho dos depoimentos, também há uma ação

refratária e legítima aos papos desses políticos bolsonaristas assumidos.

Exilados, os que conseguiram levar junto seus filhos legaram às suas crianças ideias de que, quando voltassem ao seu país, seria para construir um Estado Democrático de Direito. Este tipo de herança, os truculentos milicos não conseguiram impedir. O livro, para além de uma leitura que emociona, sensibiliza um jornalista como Caco Barcellos, que no texto da orelha do livro, assume: “chorei de alegria na leitura e releitura de cada história”.

É uma forma de nunca esquecer e lutar para que jamais se repita. Sem anistia para golpistas. Ditadura nunca mais.



EXÍLIO E CRIANÇAS
–Memórias de
Infância Marcadas
pela Ditadura
Militar
(Carta Editora,
São Leopoldo/RS,
2025, 340 páginas)



UM 56 DUPLO, POR FAVOR

Dia 26 de junho de 1969 circulou a primeira edição de **O PASQUIM**, nossa grande referência. Pouco antes da pandemia, uma exposição da **GRAFAR** na Câmara de Vereadores de Porto Alegre foi censurada e depredada. Indignados, naquela mesma noite os cartunistas se reuniram no Clube de Cultura e decidiram criar um periódico de humor, cartuns, cultura e política. Um modelo histórico da imprensa nacional, mas meio esquecido no momento. O **PASQUIM** foi o exemplo mais referenciado. O **GRIFO**, de outubro de 2020, é consequência da ideia ali lançada.

Já o Márcio aproveitou a coincidência desta edição ter o mesmo número de anos da nossa referência, homenageando o Sig, criação do Jaguar.

Brinde duplo. (**Marco Schuster**)

Depois do interrogatório, a comprovação óbvia, ululante: o bozo é machão de palanque. O gozado é que muitos apoiadores tinham esquecido aquele 7 de setembro em que, logo depois de descer do palanque, o imorrível, o incomível, o imbroxável ligou aos prantos pro Temer pedir penico pro Xandão. (Ernani Ssó)

O bozo será imorrível apenas se entrar pra Academia Brasileira de Letras. (Ernani Ssó)

Os advogados do bozo se arrependem de não ter usado anestesia geral, durante o interrogatório no Supremo, pra impedir o bruto de fornecer provas contra si mesmo. (Ernani Ssó)

Duas e três, alguém me diz que devemos respeitar as crenças das pessoas. É dureza, as pessoas acreditam nas coisas mais loucas e idiotas. Vide a supremacia ariana, a liberdade de mercado, a criação do mundo em seis dias, a melhor idade, duplas caipiras, cachorros pequineses e bebês reborns, o sorriso da Julia Roberts, costeletas, calça boca de sino. Chega, ou quer mais? (Ernani Ssó)

Como se soletra Netanyahu? C-A-P-I-R-O-T-O.
(Carlos Castelo)

Se é pra dar o nome correto, podem nomear como "terceira e última guerra".
(Celso Vicenzi)

Os criacionistas são a melhor prova de que descendemos dos macacos.
(Ernani Ssó)

Minimizar a mentira maximiza a impunidade.
(Carlos Castelo)

A expressão racismo recreativo, criada pelo advogado Adilson José Moreira, me parece excelente – define com economia e precisão a monstruosidade da coisa. Mas, que eu saiba, não engloba certas diversões como a daqueles filhinhos de papai que, pra terem um pouco de emoção, saem à noite pra acordar com um fósforo e gasolina negros e indígenas que dormem na rua. (Ernani Ssó)

A única contribuição de Elon Musk para a ciência foi desmentir o ditado "foguete não tem ré". (Carlos Castelo)

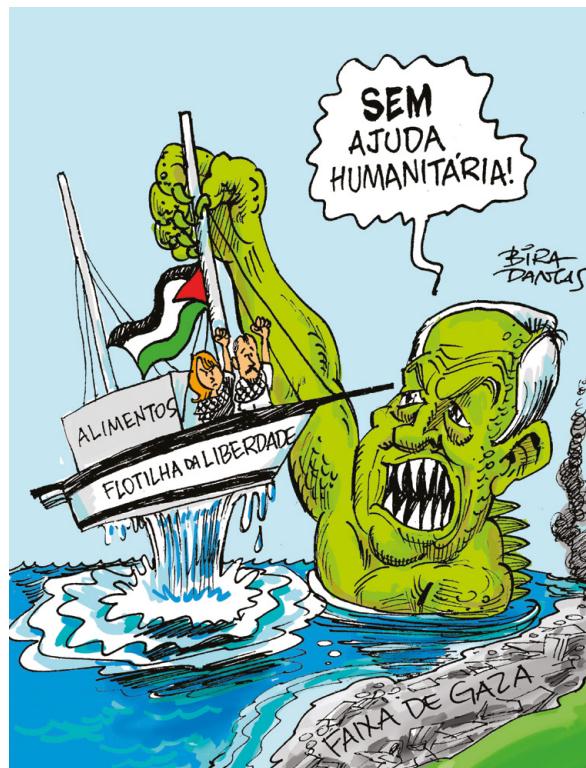
Precisamos tomar pé da situação, dizia o comandante militar enquanto descia às profundezas. (Celso Vicenzi)

O supremo cinismo é Netanyahu chamar o governo do Irã, que a Globo chama de "regime", de assassino.
(Schröder)

Fez o curso de medicina à distância e hoje trabalha no departamento médico do TikTok. (Carlos Castelo)

Fiquem tranquilos: o caos tá funcionando na mais perfeita ordem.
(Celso Vicenzi)

Uma vez – em outra vida, me parece hoje – li um crítico na Gazeta Mercantil afirmando que a Anne Tyler é uma escritora pra senhoras de meia-idade. Fiquei chocado. Acho que você também ficaria se descobrisse assim repentinamente que é uma senhora de meia-idade. (Ernani Ssó)



Sim, "as instituições funcionam normalmente". Mais ou menos como aquela orquestra do Titanic que, dizem, não parou de tocar. (Celso Vicenzi)

Se nem em seu auge o marxismo pôde deter o avanço avassalador do capitalismo, o que esperar dele hoje, quando uma centena de trustes tem mais poder que os governos de vários países juntos? Medo. Sim, um medo como o medo do diabo com a mesma cara, os mesmos chifres e o mesmo rabo terminando em ponta de flecha com que se assombrava na Idade Média. (Ernani Ssó)

Vida. Uma tragédia feita de moléculas. (Carlos Castelo)

Dizem que nada é perfeito, mas talvez isso não se aplique a alguns idiotas. (Celso Vicenzi)

Você conhece alguém que passou a ler depois de ver na tevê uma propaganda do governo, naquelas antigas campanhas de incentivo à leitura? Não, né? Publicidade não educa ninguém. (Ernani Ssó)

Ler muito só faz você perceber que a estupidez humana tem mais volumes que a Biblioteca de Alexandria. (Carlos Castelo)

As hostilidades no mundo estão tão quentes que a gente já tem até saudades da Guerra Fria. (Celso Vicenzi)

Impressionante é a naturalidade da reportagem ao narrar a destruição da TV iraniana e provavelmente a morte da colega iraniana que estava narrando o bombardeio no Irã. Não conseguir dizer nada mais do "impressionante" para descrever a destruição da TV é um sintoma inegável da contaminação ideológica que permeia a cobertura internacional dos conflitos. (Schröder)

"Todos os homens nascem iguais", escreveu Thomas Jefferson. Mas alguns se tornam grandes proprietários de escravos, como Thomas Jefferson. (Ernani Ssó)

A verdade não morreu, só foi soterrada por milhões de vídeos de gente que acredita que a Terra é plana. (Carlos Castelo)

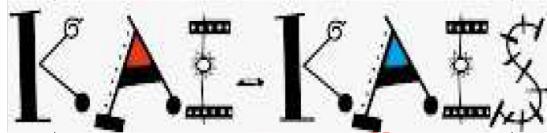
Dizem que o mundo foi criado em sete dias. Mas pode acabar em menos de um se apertarem os botões das armas atômicas. (Celso Vicenzi)

Dizem que a gente reencarna pra se tornar uma pessoa melhor. A cada nova vida, o espírito tem a oportunidade de aprender, crescer e evoluir intelectual e moralmente. Tenho minhas dúvidas, por motivos estatísticos: todos esses séculos depois, a maioria absoluta dos reencarnados continua estúpida, canalha, violenta. (Ernani Ssó)

O novo jornalismo é um papagaio de IA cuspido manchetes sobre fatos que nunca existiram. (Carlos Castelo)

Shakespeare nunca esteve tão atual. Vivemos "a praga do tempo em que os loucos guiam os cegos". (Celso Vicenzi)

Redes sociais: é conversando que a gente se desentende. (Carlos Castelo)



Mouzar Benedito

Povo eleito, Israel?
Urna eletrônica
Ou voto em papel?

Eles matam
que matam.....
E o humanista estúrdio
Lança notas de repúdio

Velho assassinado,
por quê?
"Vacilamos, verdade!
Como chegou
a essa idade?"

E as crianças, Netanyahu?
"Só matamos
bebê culpado
Por nascer em
lugar errado"

Grande Israel, eis o plano:
No fundo, no fundo...
É ocupar todo o mundo!

Seu patrão,
homem de bem,
Não quer só
o seu trabalho:
Quer sua alma também!

Corrupto se diz moralista
Rouba e se diz de bem:
Não sou comunista!

Picareta da fé proxeneta
Promete um
futuro porreta
E mete a grana na gaveta

Como o gado que o segue,
O vaqueiro líder
cabeça oca
Esbraveja e caga
pela boca.

Foi ilegal pro Trumpistão,
Falando mal de
Pindorama.
Agora aguenta!
Não reclama!

Papanicolau
Trabalhava
Num lugar legal

O Giba Assis Brasil me disse que o Woody Allen disse que não poderia fazer um filme sobre Nixon, porque teria de ser agressivo. Mas a troco de que não se pode ser agressivo com os poderosos? É o contrário. Temos o dever de ser agressivo. (Ernani Ssó)

Camus dizia que o único problema filosófico era o suicídio. Besteira. O único problema filosófico nível nervo exposto é nossa necessidade de sermos levados a sério. Resolvido isso, o resto sai na urina, como dizia um tio meu, grande mijador. (Ernani Ssó)

Criamos máquinas para nos libertar do trabalho e acabamos escravos de conteúdo gerado por escravos. (Carlos Castelo)

Wisława Szymborska, em Correio literário, editora Âyiné: "Como se tornar um literato? O senhor nos faz uma pergunta problemática. Exatamente como o menino que perguntou como são feitos os bebês e, quando a mãe lhe disse que depois explicaria, porque naquele momento estava muito ocupada, ele insistiu: 'Então me explique pelo menos como se faz a cabeça...' Pois bem, nós também vamos tentar explicar pelo menos a cabeça: é preciso ter um pouco de talento". (Ernani Ssó)

Banco do Vaticano. Onde sua fé rende juros. #slogans (Carlos Castelo)

Depois de duas décadas e pico, saí da musculação, irritado com a mediocridade dos professores e com a música, que havia chegado ao ponto do sertanejo universitário, ou ginasiano, não lembro bem. Agora voltei – com coragem e pragmatismo. É que é necessário se preparar pra uma velhice sem bengala, já que sem fraldão depende da mega-sena biológica. (Ernani Ssó)

Essa de chamar professor de mister já mostra o tamanho do nosso viralatismo. (Carlos Castelo)

Wisława Szymborska: "O talento literário não é um fenômeno de massa". (Ernani Ssó)

Morrer é ruim, mas pior são os templates de homenagens póstumas. (Carlos Castelo)

Provérbio georgiano: "A ovelha passa a vida preocupada com o lobo, mas é comida pelo pastor". (Ernani Ssó)

Simone_teixeira05: "Provérbio árabe: 'Que as pulgas de mil camelos infestem o rabo de quem apertou 22, e que os braços sejam curtos demais para coçar'". (Ernani Ssó)

Tecnicamente, Netanyahu nasceu judeu, mas acabou virando nazi. (Carlos Castelo)

Justamente por falta de juízo, alguns países parecem querer antecipar o Dia do Juízo Final. (Celso Vicenzi)

Enquanto isso em Gaza, crianças são abatidas a tiros depois de serem atraídas para pegarem comida. (Schröder)

Se fosse verdade que Cristo transformava água em vinho, não teria só doze apóstolos, mas uma multidão. Suspeito ainda que os romanos teriam comprado o passe dele. (Ernani Ssó)

Enquanto os outros animais sobrevivem, o ser humano está ocupado fundando seitas e descobrindo dietas milagrosas. (Carlos Castelo)

Pragas, guerras, fomes... eu acho que já estamos no Apocalipse e ninguém percebeu. (Celso Vicenzi)

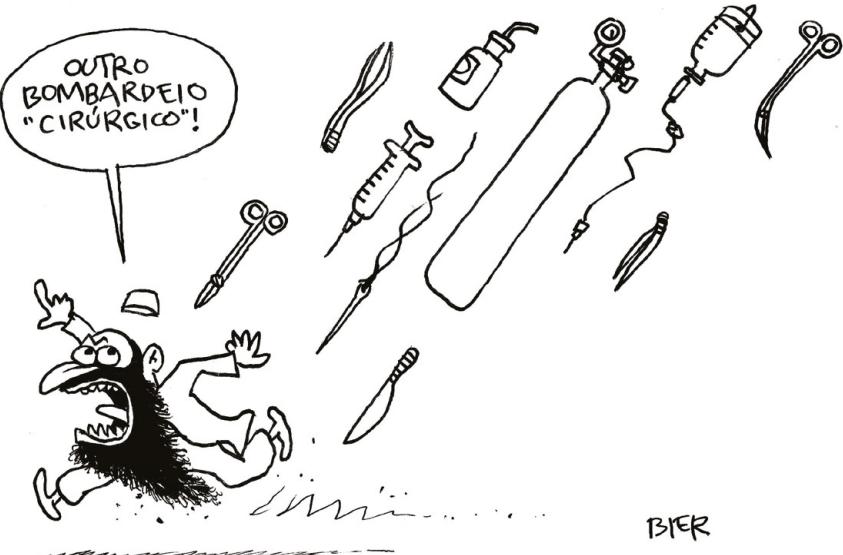
Os caras foram passear na Holanda e a tecnologia que Leite e Melo colocam à disposição dos gaúchos são os sacos de areia conhecidos de todos. A irresponsabilidade do prefeito da capital e do governador Leite são conhecidas e estão blindadas por uma imprensa que sequer comenta alguma coisa sobre o fato que a maior parte das obras sequer terem sido iniciadas ainda. (Schröder)

Wisława Szymborska: "As descrições da natureza não pertencem aos serviços obrigatórios do escritor. Se não se encontram palavras novas o bastante para que a descrição seja interessante, é melhor deixar o brilho da lua na água completamente em paz. Além disso, o fragmento do romance enviado fala sobre o roubo de uma vaca. Nem o ladrão nem a vaca levada do curral têm cabeça para admirar os encantos da natureza". (Ernani Ssó)

Wisława Szymborska: "Até sobre o tédio é preciso escrever com paixão. Essa é a lei de ferro da literatura, que nenhum 'ísmo' consegue abolir". (Ernani Ssó)

Não, o humorista Léo Lins não foi condenado ao xilindró. Acho que estão confundindo com outra pessoa com o mesmo nome. O Léo Lins condenado foi um racista que tem como profissão divertir outros racistas. (Ernani Ssó)

Greta Thunberg é a Mafalda da vida real. (Ernani Ssó)



A palavra perdeu a palavra

Se há um deus da Literatura, ele deve ter tirado um cochilo naquele tarde em que Miriam Leitão foi eleita para a Academia Brasileira de Letras. E, se há um diabo das Letras deve ter cochichado no ouvido dos votantes: “Escolham a Miriam. Se ninguém mais lê, pra que manter o disfarce?”

Não é que Miriam Leitão seja uma nulidade. Ela é, por assim dizer, um nome da análise financeira. Mas entre decifrar o PIB e a alma humana há um oceano de vocábulos, metáforas e abismos. O problema não está em sua pessoa, mas naquilo que ela simboliza: o abandono completo da ideia de que a Academia de Letras deveria ter a ver com letras.

Quando Machado fundou a ABL, em 1897, não imaginava que, mais de um século depois, sua casa seria ocupada por columnistas de jornal, atores e músicos que resolveram escrever memórias. A eleição de Miriam não é um acidente; é o resultado de anos de votos corporativos e trocas de favores que fariam Capitu corar de vergonha. E ela sabia dissimular como ninguém.

O que elegeu a jornalista foi um punhado de obras que, com boa vontade, poderiam ser chamadas de narrativas. Além do robusto currículo em comentar a inflação. Teve ainda o livro infantil *O Mistério do Pau Oco*, mas é melhor não tocar nesse assunto.

A Academia de Machado,



aquela que já abrigou poetas, romancistas e prosadores de fôlego, virou um salão de chá com crachás da Globo. Hoje, sentar-se à mesa da imortalidade exige mais networking do que inspiração. E a literatura, coitada, vai se aninhando em um canto, pedindo desculpas por ainda existir.

Contamos hoje com um potente veículo que leva ao colapso da civilização. Não é a ganância, a corrupção ou mesmo a internet. É a incapacidade abissal das pessoas de interpretar um texto. Mesmo aqueles tão claros quanto uma placa de “puxe” numa porta de vidro.

Vivemos numa época em

que um bilhete dizendo “Favor não alimentar os pombos” gera debates acalorados sobre liberdade de expressão, direitos dos pombos e teorias da conspiração envolvendo o tráfico aviário. Cada frase é agora uma oportunidade para a plateia demonstrar não apenas sua falta de compreensão, mas seu orgulho dessa deficiência. Não entender virou sinal de autenticidade; interpretar bem, por outro lado, é elitismo literário da pior espécie.

Basta um post escrito “Hoje está calor” para a turba se dividir em três facções: os que acusam o autor de negacionismo climático, os que denunciam apropriação cultural do sol e os que, sem ler além do título, já convocam um protesto para uma praça com cartazes exigindo a prisão imediata do culpado.

Quando foi que compreender um parágrafo virou um luxo reservado aos sábios do Olimpo? Antigamente, até um asno conseguia, com algum esforço, perceber que uma pergunta retórica não era um ataque pessoal.

E pouco importa o que o autor escreveu; importa o que você, iluminada criatura, sentiu quando leu. Se uma receita de bolo lhe trouxe lembranças traumáticas da infância, a culpa é da receita, do autor, da editora, da farinha de trigo e, claro, do sistema opressor.

No fim, sobrarão só os avisos — e nem assim entenderão.

Ser CLT virou ofensa

A direita e o neoliberalismo conseguiram. A mídia insistiu e acabou convencendo o público, e a sociedade burguesa acabou definindo que o empreendedorismo é a grande sacada. Ser CLT é uma ofensa, é ser diminuído e um mau exemplo. Eu sempre pensei o contrário e me espanta a campanha que se vê nos programas de TV a favor do empreendedorismo, como se empreender, ser autônomo é ter sucesso. Não é fácil. A ideia do coletivo sumiu. É igual ao sonho de ser jogador de futebol. Vai ver quantos jogadores existem, até talentosos, que passam fome. Vai ver também a quantidade de empreendedores terceirizados, entregadores de comida ou mercadoria que correm nas suas motos, desviando da morte e tentando sobreviver.

Empreender é um sonho. Claro que todo mundo quer. Sobre tudo os jovens. Mas não tem lugar para todos. Vai ver a situação dos mais velhos sem aposentadoria, sem garantias de sobrevida com dignidade. Todo jovem vai envelhecer e aí eu quero ver como eles vão fazer. Será que terão disciplina de recolher todo mês um pouco do seu ganho para garantir o futuro? Não vejo velhos entregadores de iFood. Só jovens. A grande conquista do mundo foi, há alguns anos, a garantia dos trabalhadores, aposentados e pensionistas. Um país que envelhece como o Brasil precisa ter isso. Mesmo com o escândalo do INSS a aposentadoria é uma rea-

lidade. O que o empreendedorismo pensa sobre isso? O que faz sobre isso. Estimula a previdência privada? Quem ganha com isso e quem consegue?

Li agora que ser CLT virou quase um palavrão. No meu tempo, e ainda penso assim, ser CLT era uma salvação. A classe trabalhadora (é, ainda existe) lutou por décadas para conseguir chegar a este ponto de segurança e garantia. A social democracia e o que sobrou do socialismo conseguiram avanços difíceis de regredirem. Ser um trabalhador com carteira assinada é uma boa e o que não funciona, como transporte público, saúde e outras benesses não são decorrência de ser CLT.

Ninguém permanece jovem a vida toda. Depois de envelhecer é muito bom se aposentar e ter o merecido descanso, ou mesmo a oportunidade ou o direito de ganhar mais somando, aí sim, o empreendedorismo à aposentadoria. A sociedade, o mundo liberal, o mercado, a indústria e o estado têm obrigação de cuidar de quem trabalhou a vida

toda. Ser CLT garante isso, mas o mundo moderno, o mundo do tik-tok, das redes sociais não dá mais importância devida. Não dá nem importância aos estudos. Para que perder tempo estudando se uma dancinha nas redes ou um conselho barato pode render milhões de seguidores e o sonho da independência financeira. Para uma sociedade abandonada e sem instrução é o que sobra.

Mas é triste um mundo assim e o Brasil acaba sendo um dos maiores exemplos dessa degradação. Todas as vezes que tentaram regularizar os precários não deu certo. Vivemos um dilema que ainda vai dar num cenário bastante dramático daqui a alguns anos. Espero que a sociedade encontre um jeito de abrigar seus empreendedores sem abandonar seus CLTs. Talvez seja um sonho. Talvez o mundo esteja caminhando para esse extermínio silencioso e só sobrem empreendedores e de sucesso. A população, a classe trabalhadora, atraípalha o mundo moderno. Como dizia uma celebritade que já não lembro o nome, trabalhar cansa.





SCHRÖDERS

Anotações
em qualquer lugar,
sobre qualquer
papel que estiver
à mão.
Acabamento?
Necessário, quando
o que é essencial
já está todo ali?

A small cartoon illustration of a man with wild, white hair and a mustache. He is wearing a white shirt and a blue tie. He has a pipe in his mouth and is looking slightly to the side. The background is a solid blue color.

| G R I F O 5 6 | JUNHO 2025

24 | artes drásticas

Edição: Eugênio Neves

